

**Leonardo Pais (pseudónimo de Daniel Filipe Conceição Pereira)
(Menção Honrosa – Categoria A Prémio Utopia UP)**

Citação: Leonardo Pais, "Uma Utopia é apenas uma Utopia ", *E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*, n.º 6 (2007). ISSN 1645-958X.

<<http://www.letras.up.pt/upi/utopiasportuguesas/revista/index.htm>>

I

Sete da tarde. Mais um dia prestes a terminar e a concluir mais uma pequena etapa da história do universo. Ao volante do seu Bugatti, Clint Dempsey estava a caminho da Casa Branca. Desde que assumira o papel de presidente dos EUA e se tornara na principal figura mundial a sua vida nunca mais voltara a ser a mesma. Dificilmente conseguia dormir mais de cinco horas por noite e, todas as manhãs, quando se levantava, conseguia ver ao espelho mais um ou dois cabelos brancos a despontar da sua cabeça. A sua ascensão ao poder fora algo totalmente inesperado.

Tudo tinha acontecido havia mais ou menos meio ano. Mas antes de se relatar esta mudança na cadeira da Casa Branca, tem que se perceber a situação socio-económica dos EUA e do resto do planeta. Quer dizer, planeta não é bem a expressão a usar. Estava-se em pleno ano 2100 e toda a Europa, Ásia e África tinham sido completamente aniquiladas devido ao aumento do nível médio das águas do mar e à maior frequência de chuvas ácidas, provocados pela grande poluição que era lançada na atmosfera, nos solos e nas águas. Sendo assim, restavam vestígios humanos na América e, em pequenas quantidades, na Oceânia. Depois desse desastre, a população mundial assumira uma postura mais ecológica e que seguia todos os princípios que vinham sendo ditos desde o ano 2000, como a utilização de energias renováveis e a total reciclagem dos resíduos. Quanto à estrutura da sociedade, continuava igual à dos séculos passados, em que os dirigentes de uma nação eram escolhidos em eleições que se realizavam em períodos de quatro anos. Todas as pessoas tinham os mesmos direitos e deveres e cada um tinha a possibilidade de subir na vida com o seu trabalho e dedicação. Era, no ponto de vista da maioria dos filósofos, uma sociedade justa e perfeita. Excepto num ponto. E tinha sido esse ponto que tinha levado à demissão do antigo presidente dos EUA. A educação e desenvolvimento de futuros génios que pudessem fazer a sociedade evoluir. Era, nesta altura, considerado o futuro grande mal da sociedade do século XXII, já que, desde meados de 2050, a maioria das crianças nascia com poucas capacidades mentais, o que poderia significar que a espécie humana estava a dar os seus últimos passos na Terra ou que iria regredir novamente para a espécie que nos deu origem, macacos e gorilas. Isto preocupava os cientistas e começava também agora a ser o principal receio da sociedade, já que se conseguia perceber a diminuição de cientistas, médicos, biólogos, enfim, todas as profissões em que o principal utensílio de trabalho era o cérebro. Isto afectava toda a sociedade em geral, já que se começavam a ver problemas na área da saúde, pois existia menos gente para tratar das doenças das pessoas e os hospitais estavam sempre lotados. Mas existiam outras áreas, como a física e a química, constantemente usadas no desenvolvimento da sociedade, que deixavam de ter os seus impulsionadores. Para não bastar, o desemprego continuava a aumentar, visto que nenhum patrão gostava de ter funcionários com poucas capacidades mentais e sem habilitações. Fora no meio deste caos que Clint Dempsey, que na altura era secretário-geral do partido opositor ao do presidente, conseguira afirmar os seus credenciais.

Tudo acontecera numa tarde do mês de Julho, numa reunião de partidos sobre o tema acima referido, em que Clint Dempsey faz uma declaração que consegue espantar todo o mundo e que rapidamente se torna no principal tema dos jornais: "Se o meu partido estivesse no poder, este problema não existiria." Mas como é que alguém podia dizer isto? Como é que se podem desafiar as leis mais básicas da hereditariedade e da vida? Eram estas as perguntas que assolavam as cabeças das várias pessoas que habitavam o planeta, mas Dempsey não ficou por aqui e acrescentou: "Votem em mim nas próximas eleições e verão o rumo do nosso país mudar em direcção à perfeição." A juntar a isto, várias

declarações enigmáticas durante o período eleitoral foram suficientes para colocar Dempsey na Casa Branca, juntando um histórico 80 % dos votos.

Dempsey sabia que tinha sido um truque algo sujo, mas fora a sorte que lhe sorrisse de uma forma um tanto ou quanto estranha. Durante toda a sua vida gostara de fazer as amizades certas, pois achava ser a forma mais fácil de conseguir subir na sociedade e obter tudo o que queria. Entre essas amizades encontravam-se três cientistas da Universidade do Texas, que ao longo da sua vida tinham trabalhado em questões de hereditariedade e que ultimamente se andavam a debruçar sobre o problema da transmissão de capacidades mentais. E foi precisamente um deles, David Howard, que lhe ligara na noite anterior à sua declaração espantosa e lhe dissera que a sua equipa havia descoberto uma maneira de contornar a situação de falta de capacidades das crianças. Dempsey não quis saber mais nada e encontrou-se nessa mesma noite com os três cientistas, ouvindo completamente abismado que esse problema poderia ser resolvido com a colocação de um pequeno chip no cérebro do embrião entre o quarto e o quinto mês de gestação e que conseguiria substituir uma pequena parte do seu cérebro, que fora afectada pela poluição do último século, característica transmitida pelos pais, que tinham sido os principais submetidos aos produtos tóxicos dos últimos anos. A parte afectada era exactamente a responsável pela aquisição de conhecimentos e pela aprendizagem. Apesar de tudo, Clint soubera logo que eles não lhe estavam a dar esta informação de mão beijada e perguntou-lhes o que queriam eles em troca, ficando de seguida a saber que eles desejavam deter o comando do consultório científico do país, o que lhes dava grande poder e margem de manobra nesta área. Aceitara de imediato, pois sabia que iria, de certeza, conseguir tornar-se no presidente dos Estados Unidos.

Ainda ao volante do carro, o actual presidente foi obrigado a acabar com a sua deambulação pelo passado, pois começavam a cair os primeiros pingos de chuva, o que significava que o Inverno ainda não terminara, dada a grande escuridão das nuvens que passavam por cima dele como flechas.

A Casa Branca aproximava-se cada vez mais até que estava apenas à distância de poucos metros. Clint sai do carro, que tinha sido prontamente aberto por um empregado que o saúda: “Boa Noite!” Entra em casa e vai directamente para o seu quarto. Ia aproveitar esta noite para dormir decentemente, o que já não acontecia há várias semanas. Vai saudar a sua mulher, Rebecca Dempsey, que estava grávida. Aliás, o seu filho iria ser o primeiro embrião a receber o chip, pois já lhe tinha sido diagnosticada falta de capacidades. Rebecca beija-o ternamente e diz: “Amanhã é o grande dia. Será que a operação vai correr bem?” O marido responde: “Sabes bem que sim. É apenas uma implantação a laser.” “Deus te oiça! O futuro do nosso filho e do resto do mundo depende do que vai acontecer amanhã.” – exclama a companheira. O parceiro responde: “Deixa-te de pessimismos e vamos jantar...”

O principal homem dos EUA tem uma noite muito atribulada. Sonha com uma legião de bebés que crescem em segundos e que marcham na sua direcção, enquanto tenta correr e não consegue sair do mesmo sítio. É capturado e levado numa jaula carregada por vários homens, que falavam entre si numa língua que Dempsey desconhecia. Chegaram a um local onde se via uma fogueira e uma seta no meio de um deserto. Do meio das sombras sai o antigo presidente dos EUA que lhe diz: “Os teus segundos estão contados.”

Clint acorda sobressaltado e encoberto em suores frios. Percebe que tudo não passou de um pesadelo e volta a adormecer, desta vez no silêncio e descanso que todos os mortais merecem.

II

A manhã seguinte acorda completamente diferente da noite anterior. A chuva e as nuvens tinham dado lugar a um sol esplendoroso, que fazia lembrar um dia de Verão.

Clint e Rebecca vão a caminho da clínica recentemente montada pelos três cientistas com quem o presidente havia feito um acordo. Não trocavam uma palavra desde que entraram no carro.

Não havia razão para tal. Qualquer conversa iria servir no mínimo para aumentar ainda mais a pressão que se sentia dentro daquele carro.

Como nenhuma viagem pode durar para sempre, passada uma meia hora de terem iniciado o percurso chegam à clínica cujo futuro depende tanto como Clint do resultado da primeira operação daquele tipo. À sua espera estava um batalhão de jornalistas, que, não se sabe bem como, acabavam sempre por descobrir o que era guardado com maior sigilo. Quando Clint sai do carro, é logo interpelado por um jornalista da Sky News, que lhe pergunta: “O que faz aqui? Passa-se algo com o seu filho?” No fundo, era natural a curiosidade destes jornalistas, já que Dempsey, apesar de ter conseguido o cargo que agora ocupava graças à sua promessa, nunca dissera concretamente à comunicação social do que se tratava. Talvez por isso a sua credibilidade perante a sociedade começasse a diminuir. Contudo, o presidente achava que ainda não estava na altura certa para revelar e diz: “Esta clínica vai mudar o nosso planeta.” Devido ao espanto que causa nos jornalistas, consegue avançar mais uns metros sem ser interrogado, mas os jornalistas voltam à carga perguntando: “Como é que pode dizer isso?” O casal Dempsey consegue libertar-se dos jornalistas graças à ajuda dos seus guarda-costas e acaba por entrar na clínica, que de seguida é fechada a sete chaves.

Os três cientistas vêm ao seu encontro e David Howard pergunta-lhes: “Estão preparados?” Rebecca responde: “Temos que estar, não é?”. “Ponhamos então mãos à obra.” – disse Howard, pegando em Rebecca e levando-a para uma típica sala de operações, onde outro cientista diz a Clint: “Não pode entrar. Não pode ficar sujeito à grande quantidade de infravermelhos que se vão libertar durante a operação.” Anuiu sem nada dizer em troca, tal era a tensão que estava sob os seus ombros. Senta-se então numa cadeira à entrada da sala, mas antes aproxima-se da esposa, abraça-a e segreda-lhe ao ouvido: “Força! Eu não vou estar aqui dentro, mas sabes que vais poder contar sempre com o meu apoio, caso alguma coisa corra mal.”

Enquanto está sentado, Dempsey olha em volta para toda a clínica, que fora construída para albergar grandes quantidades de pessoas e que, actualmente, para além dos três cientistas, contava apenas com mais um porteiro e segurança e uma secretária.

Os segundos iam avançando e não se ouvia nada dentro da sala de operações, sala essa que iria assinalar um grande marco na história da humanidade.

III

Os próximos quatro meses foram vividos com muita ansiedade por toda a população. Eram os últimos quatro meses de gravidez de Rebecca, que não cabia em si de contente. A operação fora um sucesso e, graças a isso, Clint já revelara à população todo o segredo que envolvera toda a sua candidatura. Desde esse dia que era considerado um herói mundial e o homem mais aclamado de sempre. Quem lucrou com esta nova realidade foram os três cientistas, que passaram a ser bastante famosos e ganharam o Nobel da Física. Além disso, a sua clínica abriu ao público e estava lotada nos próximos seis meses, com todas as vagas preenchidas para a realização de operações como à que Rebecca e o seu bebé foram sujeitos. Mas porquê tanta ansiedade se tudo se estava a compor? É que, apesar da operação ter sido um sucesso e de o chip ter sido implantado no cérebro do feto, ainda não se vira resultado dela, uma vez que o filho do presidente ainda não nascera. Isto fora o único argumento que incentivara os opositores de Dempsey, que mostravam bastante ceticismo em relação a esta nova realidade.

Mas esse dia acabou por chegar. A meio de um dia de Verão estava Rebecca a descansar nos seus aposentos e sentiu uma pontada na barriga. “Está tudo bem. Deve ser apenas mais uma contracção” pensou ela. Mas enganara-se. Estas pontadas iam-se tornando cada vez mais dolorosas e mais frequentes. Acabou por chamar uma empregada, que veio de imediato, e disse-lhe: “Chama uma ambulância. O bebé vai nascer.” A empregada despachou-se a cumprir o ordenado, sabendo que, um dia, quando fosse avó e estivesse perante os seus netos, teria esta história para lhes

contar.

A ambulância chegou em poucos minutos e foi num repente que regressou ao hospital. Tal eficácia revelara-se porque se tratava, sem sombra de dúvida, do melhor hospital do país. Os próprios responsáveis do hospital encarregaram-se de contactar o marido da mãe, que se meteu no seu jacto pessoal e se fez aos ares. Enquanto ia a caminho, Dempsey ia-se lembrando do nome que o seu filho iria ter, um nome escolhido por unanimidade entre ele e Rebecca: Edward John Dempsey. Claro que o nome era maior, devido aos apelidos das famílias de Clint e Rebecca, mas estes eram os três principais nomes, pelos quais iria ser conhecido o filho do presidente dos EUA.

Quando chegou ao hospital, apressou-se a ir ter com os responsáveis que lhe tinham ligado momentos antes e perguntou-lhes: “O meu filho já nasceu?” Primeiros mostraram-se sérios, mas depois as suas faces abriram-se em sorrisos resgados e o director-geral do hospital disse-lhe: “Foi um sucesso, venha ver o pequeno Edward.” Foi como se tivesse libertado cerca de mil toneladas de cima de si e considerou-se, naquele momento, o homem mais feliz do mundo: “Onde está o meu filho?” “Venha, nós levamo-lo lá.” Quando chegou lá e entrou no quarto onde Rebecca e o seu filho tinham sido previamente instalados, viu-o pela primeira vez. Muito parecido com a mãe, sem dúvida. Mas havia uma coisa transmitida ao seu filho. Os olhos. Eram verdes e cristalinos como os seus e quem olhasse profundamente para eles tinha a sensação de estar numa densa floresta verde, de onde não poderia sair mais. A primeira vontade de Dempsey era dar um grande abraço ao seu filho, mas depois raciocinou melhor e pensou que isso era arriscado porque os bebés são muito frágeis nas primeiras horas de vida. Limitou-se a afagar-lhe a cabeça e a dar-lhe um beijo na cara. Como Cheirava bem a sua pele! Recordava-se perfeitamente que, quando era criança, adorava estar perto de bebés, pois era a única maneira de entrar em contacto com aquele cheiro maravilhoso e que sempre o hipnotizara de uma certa maneira. Sentou-se junto da cama de Rebecca, abraçou-a e perguntou-lhe ao ouvido: “Como te sentes? Eu sinto-me o homem mais feliz do mundo.” A esposa limitou-se a concordar com ele e ficaram ali os dois durante horas a planear futuros desejos para o filho, que bocejou e deixou-se adormecer.

IV

Houvera um filósofo qualquer que tinha dito que o tempo era de uma relatividade espantosa. Uma frase verdadeiramente verdadeira. Para muitos passa depressa, para outros passa devagar. Por uns é bem aproveitado, por outros nem por isso. É dentro deste contexto que podemos sentir que trinta anos não demoram assim tanto a passar. E era exactamente nisto que estava agora Clint a meditar. Agora, que estava reformado. Agora, que já não era presidente dos Estados Unidos. Agora, que estava a escrever a sua autobiografia. Agora. A sua vida, cheia de conquistas e falhanços, iria permanecer no meio de um livro depois da sua morte. Recordava-se agora como se tinha passado a sua vida desde o nascimento do seu filho. O seu filho, que crescera e se tornara dono da maior empresa do mundo. O seu filho, que não tivera dificuldades em nada por ser sobredotado. O seu filho e os que nasceram depois dele. Estes que, em tão curto período de tempo já tinham inventado uma máquina do tempo e conseguido recuperar a Europa, África e Ásia. Os maiores seres do Universo. Era assim que se intitulavam. Mas Clint conseguia perceber agora que tudo fora um erro. Que devia ter optado por outro caminho. Que não devia ter dado ouvidos aos três cientistas, que agora usavam e abusavam do seu poder, por serem capazes de poder criar ainda mais seres perfeitos. Conseguia lembrar-se como conseguira renovar o seu estatuto de presidente por várias eleições sem grandes problemas. Fora ele próprio que se demitira, pois fora o primeiro a aperceber-se da gravidade da situação que causara. Na altura deixara o mundo espantado e boquiaberto. Mas passados uns anos tudo começara a tornar-se claro para toda a gente. O “clã” dos perfeitos crescera de tal modo que começara a marginalizar as outras pessoas. Estes que estavam agora a afundar o mundo sem se aperceberem disso. Que tinham tomado conta do poder e relegado todos os menos capacitados para o desemprego ou para a escravidão. Que tinham alterado as leis drasticamente a seu favor. Que perseguiram e aniquilavam todos os que ainda tinham coragem de se opor, tal como tinham feito os nazis aos judeus. O seu próprio filho, arrogante e calculista, o rejeitava e desprezava. Ele, que pertencia àqueles que agora se começavam a desentender e ameaçavam começar uma 3ª Guerra Mundial só para ver quem tinham mais poder. Tudo isto e muito mais. Dempsey estava agonizado só de pensar como fora capaz de espalhar a ideia do chip perfeito pelo

mundo e de ajudar os mais pobres a recorrer a esta operação para ter um filho capacitado, na esperança que este, um dia, fosse a sua salvação e os tirasse da miséria. Enganara-se redondamente. Um erro que ainda iria custar muito caro a todo o mundo.

Percebia agora que nada pode ser perfeito e que é impossível criar sociedades baseadas na perfeição. Que tudo tem que ter um senão. E que as utopias não passam de isso mesmo, de utopias.